

## Intencionalidade na prática: aplicação em produção multimodal

*Intentionality in practice:  
application in multimodal  
production*

Paulo RAMOS (UNIFESP)

[contatopauloramos@gmail.com](mailto:contatopauloramos@gmail.com)

Ana Cristina CARMELINO (UNIFESP)

[anacriscarmelino@gmail.com](mailto:anacriscarmelino@gmail.com)

Recebido em: 18 de jun. de 2022.

Aceito em: 06 de nov. de 2022.

RAMOS, Paulo; CARMELINO, Ana Cristina. Intencionalidade na prática: aplicação em produção multimodal. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2500, p. 247-265, set.-dez./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-32500.

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo mostrar a aplicabilidade da noção de *intencionalidade* em texto multimodal. Ao mesmo tempo em que se trilha esse objetivo, evidencia-se a relevância do conceito para abordagens contemporâneas da Linguística Textual brasileira. O estudo parte da forma como o termo foi cunhado por Beaugrande e Dressler e aborda como ele foi desenvolvido posteriormente no Brasil, em particular nas leituras feitas por Koch e Marcuschi, dois dos autores que mais contribuíram para difundir o conceito no país. A aplicação será feita em polêmica em torno de uma tira cômica de *Armadinho*, série criada pelo desenhista brasileiro Alexandre Beck.

**Palavras-chave:** Intencionalidade. Textualidade. Linguística Textual. Multimodalidade.

**Abstract:** This article aims to show the applicability of the notion of intentionality in multimodal and visual texts. While this objective is pursued, the paper shows the relevance of the concept for the contemporary approaches of Brazilian Textual Linguistics. The study starts from the way the term was coined by Beaugrande and Dressler and discusses how it was developed later in Brazil, particularly in the readings made by Koch and Marcuschi, two of the authors who contributed most to spreading the concept in the country. The application will be made in a controversy around the comic strip *Armandinho*, created by Brazilian artist Alexandre Beck.

**Keywords:** Intentionality. Textuality. Textual Linguistics. Multimodality.

## Considerações iniciais

O objetivo deste artigo é mostrar como o conceito de intencionalidade, comumente aplicado a textos verbais, pode ser também observado em produções multimodais. Esse dado, no nosso entender, confere não apenas relevância e atualidade ao tema, mas também uma nova possibilidade de aplicação teórica dele.

Carmelino e Ramos (2019) buscaram traçar a trajetória histórica pela qual passou a noção de intencionalidade nos estudos do texto realizados no Brasil. Os autores constataram que a intencionalidade foi alvo tanto de retomadas (em que ficava preservada a ideia original) quanto de reavaliações (trazendo novos olhares a ela).

Identificou-se que as abordagens relacionadas à intencionalidade tinham como foco central textos de ordem verbal, e não os constituídos por outros conteúdos sógnicos. Chamadas de multimodais, tais produções têm sido incorporadas ao escopo teórico da Linguística Textual brasileira (doravante LT).

Este artigo encontra-se dividido em três momentos. No primeiro, ponderamos sobre como o conceito de intencionalidade, inaugurado por Beaugrande e Dressler (1981), foi apropriado, difundido e, posteriormente, rediscutido, principalmente por Koch (em produções individuais e em parcerias) e Marcuschi na tradição dos estudos da LT no Brasil.

No segundo momento, contextualizamos exemplo de texto multimodal a ser analisado, uma tira cômica de *Armandinho*, série criada por Alexandre Beck. Na terceira parte, buscamos mostrar a aplicação da intencionalidade na produção multimodal selecionada. Ao final, destacamos a relevância da intencionalidade na área dos estudos do texto e possíveis caminhos para novas abordagens dessa noção teórica.

## Trajetória do conceito

A noção de intencionalidade, na análise feita por Carmelino e Ramos (2019) sob a ótica da LT, tem origem com Beaugrande e Dressler (1981<sup>1</sup>). Os autores definiram o conceito de texto como um evento comunicativo. Este deveria compreender alguns critérios de textualidade<sup>2</sup>. A textualidade é tida não apenas como a qualidade essencial de todos os textos, mas é também “um empreendimento humano quando o texto é textualizado, isto é, quando um artefato de sons ou marcas escritas é produzido ou recebido como um texto” (BEAUGRANDE, 1997, p. 13, tradução nossa<sup>3</sup>).

Os critérios de textualidade seriam sete: coesão, coerência (que seriam centradas no texto em si), informatividade, intertextualidade, situacionalidade, intencionalidade e aceitabilidade (que seriam centradas nos usuários). No que concerne especificamente à intencionalidade, trata-se de um critério que se centra no produtor do texto, que teria um planejamento a ser alcançado.

Nesse modelo teórico, a intencionalidade pode ser vista sob dois ângulos: um mais abrangente e outro mais específico. Em sentido amplo, é definida como “todas as modalidades às quais os produtores textuais utilizam os textos para conseguir que se cumpram suas intenções” (BEAUGRANDE; DRESSLER, 2005 [1981], p. 173, tradução nossa<sup>4</sup>), mobilizando, para isso, os recursos adequados à obtenção dos efeitos desejados. Um deles é a concretização de uma ação discursiva, em que se busca atingir uma meta por meio de um plano (planejamento) textual.

Em sentido restrito, o conceito refere-se à intenção do locutor de produzir uma manifestação linguística coesa e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize de modo integral. O importante, no caso, é a (pre)disposição (o empenho) do falante de dizer conteúdos que tenham sentido (coerentes) e que, portanto, sejam interpretáveis e articuláveis linguisticamente (coesão).

<sup>1</sup> Neste artigo, as citações reproduzidas da obra de Beaugrande e Dressler serão baseadas na edição do livro publicada na Espanha, em 2005.

<sup>2</sup> O termo “critério” foi traduzido/usado também como “fatores” e “princípios” de textualidade e, especificamente por Marcuschi (2008), como critérios de textualização.

<sup>3</sup> “Textuality is (...) *a human achievement* whenever a text is ‘*textualized*’, i. e., whenever an artifact of sounds or written marks is produced or received as a text” (BEAUGRANDE, 1997, p. 13, grifos do autor).

<sup>4</sup> “(...) todas las modalidades en las que los productores textuales utilizan los textos para conseguir que se cumplan sus intenciones.”

Nesse sentido, os dois autores creditam ao modelo teórico das máximas conversacionais de Grice (1982 [1975]) o enfoque mais abrangente sobre a questão da intencionalidade. Baseado em um princípio da cooperação, Grice pensou em quatro máximas para descrever situações de interação: 1) quantidade (volume necessário de informação); 2) qualidade (dizer o que é verdadeiro e que possa ser comprovado); 3) relação (conteúdo relevante ao que é abordado); 4) modo (procurar ser claro).

A premissa trabalhada por Grice, e recuperada por Beaugrande e Dressler, é que, se os sujeitos atenderam (ou procuraram atender) às máximas, eles cumpriram o objetivo do que procuraram transmitir. Especificamente sobre a máxima de modo, os dois linguistas destacam que, em situações ambíguas, um dos recursos utilizados para recuperar o sentido originalmente pretendido é buscar o que se pretendia comunicar, aspecto que também dialoga diretamente com a intencionalidade.

Em obra de 1997, embora Beaugrande volte a abordar a intencionalidade, acaba dando menor atenção ao tema. Nas poucas menções que faz, ele recupera o conceito como havia sido trabalhado anteriormente, dizendo que a intenção expressa em um texto estaria relacionada à aceitação de quem o acessa:

Um texto pode não realizar uma intenção como ganhar um argumento, ou a mensagem pode ser desacreditada ou negada, mas o evento foi intencional e aceito como texto, e não, digamos, como um exercício para cordas vocais e tímpanos (BEAUGRANDE, 1997, p. 14, tradução nossa<sup>5</sup>).

No Brasil, a apresentação do conceito pensado por Beaugrande e Dressler passa pelos escritos de Koch (em trabalhos solo ou em parcerias) e Marcuschi. Duas obras deles, publicadas em 1983, tiveram o papel histórico de importar para o Brasil algumas das ideias sobre LT discutidas no exterior, entre elas a noção de intencionalidade.

Fávero e Koch (1998 [1983]) abordaram o conceito de forma geral, ao registrarem que haveria aspectos coincidentes entre as intenções comunicativas de emissor e receptor. Ao primeiro caberia articular e unificar de maneira adequada as frases em um texto; ao segundo, a expectativa de que exista uma conexão entre tais frases.

<sup>5</sup> “A text may not realize an intention like winning an argument, or a message may be disbelieved or denied, but the event was nonetheless intended and accepted *as text* and not, say, as an exercise for vocal cords and eardrums”.

No segundo livro, o de Marcuschi (2012 [1983]), observa-se uma abordagem mais específica ao termo, visto que o linguista, com base no que havia sido discutido por Beaugrande e Dressler, elabora um “esquema geral provisório das categoriais textuais”, no qual divide os enfoques em quatro fatores:

1. de contextualização (como as assinaturas e outros elementos do entorno do enunciado);
2. de conexão sequencial (aspectos relacionados à coesão);
3. de conexão conceitual-cognitiva (processos vinculados à coerência);
4. de conexões de ações (elementos pragmáticos).

O último item compreenderia os cinco critérios de textualidade de Beaugrande e Dressler centrados nos usuários, entre eles a intencionalidade, apenas registrada por Marcuschi. Após essas menções iniciais ao conceito, é possível também observá-lo na vasta produção de Koch. Seguindo suas reflexões na linha do tempo, percebem-se três movimentos teóricos. O primeiro se restringe a uma rápida menção pelo ângulo de visão moldado por Beaugrande e Dressler (KOCH, 2000b [1997]; 2002b [1989]; 2004).

O segundo é a associação do conceito com princípios da argumentação. Nesse último caso, ela considera que “a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, **ação sobre o mundo dotada de intencionalidade**, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (KOCH, 2002a [1984], p. 15, grifos da autora). A pesquisadora dá a entender que a intencionalidade seria elemento inerente a toda atividade comunicativa e que seria depreendida por meio do texto e das marcas linguísticas impressas nele. Esse mesmo viés foi retomado por ela, anos depois, em trabalho produzido em parceria com Elias (2016).

O terceiro momento é uma abordagem simultânea dos dois anteriores, ou seja, ao expor a intencionalidade, Koch usa tanto as premissas de Beaugrande e Dressler quanto a associação do conceito com a argumentatividade. Essa leitura é explicitada, inicialmente, nas duas obras escritas em parceria com Travaglia (2002a [1989]; 2002b [1990]). Reavaliando os pressupostos teóricos tratados até então, os autores, em ambos os trabalhos, passam a considerar a coerência não mais como um dos critérios de textualidade, mas como o resultado de todas as estratégias procedurais acionadas para o processo de construção do texto e de produção do(s) sentido(s) dele.

Nessa nova perspectiva, a intencionalidade passa a ser vista como vinculada à coerência. Embora os dois autores mudem o olhar sobre a localização do conceito (centrado, agora, no texto e nos usuários, e não mais somente nestes), a compreensão sobre ele é mantida: refere-se à manifestação da intenção do autor, concretizada no texto em sentidos restrito ou amplo.

Nota-se, no entanto, uma diferença no que tange à articulação entre esses dois sentidos com a composição coesiva do texto e a consequente aceitação dele por parte do interlocutor, baseada no princípio da cooperação (no sentido restrito) e com a argumentatividade (no sentido amplo). Esta se manifestaria “nos textos por meio de uma série de marcas ou pistas que vão orientar os seus enunciados no sentido de determinadas conclusões, isto é, que vão determinar-lhes a orientação argumentativa, segundo uma perspectiva dada (KOCH; TRAVAGLIA, 2002b [1990], p. 98).

Tanto Koch quanto Marcuschi retomaram o conceito em escritos da primeira década deste século e lançaram novos olhares sobre ele, trazendo questionamentos e indicando pensamentos sobre possíveis caminhos novos de abordagem. Koch (2004) reitera o questionamento sobre a separação entre elementos centrados no texto (coesão e coerência) e nos usuários (os demais critérios de textualidade, entre eles a intencionalidade). Para ela, não faria sentido a divisão, “já que todos eles estão centrados simultaneamente no texto e em seus usuários” (KOCH, 2004, p. 43).

Marcuschi (2008) ressalta existirem dificuldades na identificação da intencionalidade, pois não se pode dizer com precisão o que deve ser observado, nem se o foco da intenção deve ligar-se ao autor ou ao leitor, visto que ambos teriam intenções. Outra questão mencionada pelo linguista seria o vínculo do conceito a um dos componentes da textualidade: “Tudo se passa como se o sujeito fosse dono do conteúdo e como se ele fosse uma fonte independente e a-histórica. Isto é impossível e não estaria em consonância com o que já postulamos aqui sobre a questão (MARCUSCHI, 2008, p. 127).

O autor aponta dois nortes para onde a trilha teórica poderia seguir: vincular a intencionalidade ao plano global do texto ou associá-la às máximas conversacionais propostas por Grice (1982 [1975]), aspectos já apontados por Beaugrande e Dressler. Convém destacar que, apesar de indicar possíveis caminhos, Marcuschi não resolve propriamente as questões que ele mesmo formula. Esse, inclusive, é um aspecto comum



entre os apontamentos feitos por ele e por Koch: nenhum dos dois apresentou nos respectivos trabalhos citados um exemplo de análise que ilustrasse o conceito.

A bem da verdade, foram poucos os pesquisadores brasileiros da área do texto que expuseram a intencionalidade, casando a explicação com uma exemplificação de aplicação do conceito. Entre os poucos, um dos trabalhos que se destacam é o de Bentes (2001), que procurou detalhar os critérios de textualidade e também ilustrá-los. A autora usou duas manchetes sobre um mesmo fato, abordadas de maneiras distintas e opostas por dois jornais diferentes. Cada uma revelava intenções distintas.

Em síntese, podemos dizer que, inaugurado na área textual por Beaugrande e Dressler (1981) e poucos anos depois apropriada e difundida no Brasil, a intencionalidade, numa trajetória histórica, passou tanto por uma reverberação aos moldes pensados pelos dois autores quanto por uma leitura crítica dela. Nesse sentido, por terem feito parte desses dois momentos e sido protagonistas teóricos de cada um deles, os trabalhos de Koch e Marcuschi se tornam particularmente relevantes.

Em que pese o fato de Koch e Marcuschi, em nenhuma de suas obras, terem apresentado um exemplo de análise que ilustrasse especificamente a intencionalidade, as interpretações do conceito feitas pelos dois, em ambos os momentos, serviram de fonte ou mesmo de base para muitos outros pesquisadores<sup>6</sup>. Todas essas abordagens se centraram nos aspectos verbais dos textos analisados, o que nos leva ao segundo objetivo deste artigo: mostrar a aplicabilidade do conceito de intencionalidade em produção multimodal

### **Caso multimodal a ser analisado**

Entre as mudanças por que a Linguística Textual passou no Brasil, uma delas foi a inclusão de elementos de diferentes modalidades – verbal escrita, imagem, cor – na composição dos textos. Estes, justamente por serem integrados por distintos constituintes, passaram a ser nomeados de multimodais, conforme detalham estudos de Ramos (2011), Custódio Filho (2011) e Capistrano Júnior (2017).

Para ficarmos com uma definição que sintetiza esse novo olhar teórico para o fenômeno textual, pode-se citar a adotada por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014):

<sup>6</sup> Ver Carmelino e Ramos (2019) para aprofundamento.

Característica dos textos cujos significados são realizados por meio de mais de um código semiótico. O texto é multimodal sempre que, para a configuração dos sentidos, houver o entrecruzamento de linguagens – verbal (oral e ou escrita), visual, sonora). (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 152)

As histórias em quadrinhos, por serem compostas por elementos de ordens verbal escrita e visual (imagens e cores), incluem-se no escopo de textos multimodais. Uma dessas produções, um exemplo de tira cômica, irá servir de apoio para a análise sobre a intencionalidade. Esse gênero é entendido por Ramos (2011, 2017) como sendo um texto tendencialmente narrativo, com presença de personagens fixos ou não, que tem como marca central a criação de uma situação inesperada, fonte do humor. Por ser um enunciado multimodal, a chave para esse desfecho inusitado pode estar na parte verbal, na visual (quer seja nas imagens, quer seja nas cores) ou em ambas.

O exemplo selecionado é uma tira cômica de *Armandinho*, série brasileira criada pelo desenhista Alexandre Beck. Ela tem como personagem-título um menino de cabelo azul, que é ao mesmo tempo ingênuo e questionador. Criada em 2010 para o jornal *Diário Catarinense*, a tira passou a ganhar repercussão nacional nos anos seguintes por conta da popularidade conquistada ao ser reproduzida no Facebook – a página da série na rede social foi criada em 2012.

Não tardou para que as histórias fossem veiculadas também em outros diários, tanto do interior de Santa Catarina quanto de fora do estado, casos de São Paulo (*Folha de S.Paulo*) e do Rio Grande do Sul (*Zero Hora*)<sup>7</sup>. Muitas das situações cômicas geradas nas histórias vêm justamente de perguntas feitas pelo protagonista (que podem ser vistas também como críticas) sobre aspectos do cotidiano e do cenário sociopolítico do Brasil. Nas palavras do próprio autor:

Procuro trazer assuntos que, na minha opinião, têm grande importância em nossas vidas e precisam ser abordados, discutidos e repensados. Tal fato tem custos, seja de imagem (um assunto polêmico nunca será unanimidade) ou de tempo (pesquisas, conversas, reflexões). Vale a pena. Porque não quero que meu trabalho seja visto apenas como entretenimento, porque assim eu mesmo aprendo muito, e porque acredito que discutir assuntos que possam tornar melhor e mais justa nossa convivência seja mais importante do que um personagem em si (BECK, 2015, p. 3).

<sup>7</sup> A contextualização foi feita com base em prefácios de coletâneas da série (BECK, 2013, 2014a, 2014b, 2014c, 2015).



Foi um dos assuntos contemporâneos o mote da situação cômica – e que trazia também uma forte crítica – da tira a seguir, publicada em novembro de 2018:

Figura 1 – Tira cômica de Armandinho



Fonte: BECK (2019, p. 77)

Tal como é próprio desse gênero, a tira cômica constrói uma narrativa para revelar, normalmente no final, outro rumo, inesperado. A inversão de expectativa gera uma surpresa, que leva ao humor. No caso trabalhado aqui, Armandinho propõe, na cena de abertura, disputar uma corrida com o amigo Camilo. O ponto de chegada seria Fê, outra integrante do grupo de crianças e revelada no terceiro quadrinho, lendo um livro.

Camilo, de início, sinaliza aceitar a brincadeira ao dizer “claro”. Mas, na sequência, interrompe a fala (percebido pelo uso de reticências após a conjunção “e”). O motivo para a reavaliação é mostrado na segunda e na terceira cenas. Camilo diz que não pode “correr agora” porque, para ele, “não é seguro”. O perigo seria a presença de uma autoridade ligada à segurança pública, mostrada parcialmente na cena final – pode-se ver parte do uniforme (calça, arma, coturno), próprio de autoridades policiais e militares.

A inferência que se faz é que Camilo, por ser negro, seria alvo de tais autoridades por conta da cor da pele. Daí o sentimento de insegurança. E também a crítica da tira com relação ao preconceito racial e à forma como negros são vistos e tratados na abordagem feita por essas autoridades (na leitura do autor).

O interesse neste caso é que a história não terminou após a publicação. Após ser veiculada no jornal gaúcho *Zero Hora*, o autor e o diário foram alvo de uma nota de repúdio assinada pela Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Dizia a nota:

Na data de 18 de novembro [de 2018], ocasião em que a Brigada Militar celebra 181 anos de serviços prestados à comunidade, o jornal impresso Zero Hora “presenteia” a instituição e seus integrantes com a publicação de uma charge no caderno Fíndi, página 11, produzida por Alexandre Beck, com conteúdo de mau gosto, desrespeitando todos os policiais.

Mesmo respeitando o direito à livre manifestação do pensamento e a liberdade de imprensa, a Brigada Militar lamenta que tal veículo de comunicação, responsável, em parte, pela formação da opinião pública, tenha se posicionado dessa forma em um momento em que seria mister valorizar e engrandecer cada homem e mulher que, diuturnamente, se dedica a zelar por TODOS os cidadãos, mesmo colocando em risco suas próprias vidas (BECK, 18 nov. 2018, s. p.<sup>8</sup>).

Os militares se viram reconhecidos na parte do traje mostrada na cena final da história em quadrinhos. O caso repercutiu nos ambientes digitais. Na página de *Armandinho* no Facebook, a postagem com a tira registrava 20 mil manifestações de leitores<sup>9</sup> – por meio de curtidas (vistas por meio de mão com sinal de “positivo”), de inclusões de ícones de coração (“amei”) ou de um rosto com lágrima (“tristeza”) –, cerca de dois mil comentários e 6.900 compartilhamentos – recurso em que a pessoa duplica aquele conteúdo à sua própria página da rede social e a seus leitores. Havia tanto demonstrações de apoio quanto críticas.

No dia seguinte, 19 de novembro, o assunto ecoou em reportagem do site “Ponte”<sup>10</sup>. Na matéria, Alexandre Beck dizia estar com medo. Na leitura dele, a tira não havia sido ofensiva, ainda mais a ponto de ter uma reação oficial como aquela. “Ela [a tira] mostra uma realidade que não é a minha, mas que tem pessoas próximas a mim que vivem. São pais, por exemplo, preocupados em ensinar seus filhos a se comportar quando estão na presença de agentes de segurança do Estado”, disse na entrevista ao site (CRUZ, 2019, s. p.). E complementou:

É algo que eles não querem que seja evidente. Na minha avaliação, houve uma postura [com a nota oficial] como se eu estivesse acusando eles de racismo. Eles não querem ver uma realidade que está ali. Uma realidade que, aliás, eu também não via há pouco tempo atrás. Se eu não tivesse o conhecimento

<sup>8</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/p.2230408613671099/2230408613671099/?type=3&theater>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

<sup>9</sup> Registros aferidos em 17 de junho de 2022, às 23h20min. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/2226549250723702/?type=3&theater>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://ponte.org/me-senti-intimidado-diz-alexandre-beck-autor-de-tirinha-que-incomodou-a-pm/>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

que passei a adquirir depois, eu ia continuar achando que isso [o racismo estrutural das instituições] não existe. Conviver com os movimentos negro, LGBT, entender a questão do feminismo, que nos últimos anos tem ganhado muita força, faz com que a gente compreenda melhor a realidade (CRUZ, 19 nov. 2018, s. p.).

Segundo Beck, a nota da Brigada Militar motivou mensagens, ameaças e ofensas. A repercussão foi ampliada – ainda mais – após a publicação de outra tira, dois dias depois, em que a discussão era em torno dos médicos. Houve nova nota de repúdio, desta vez do Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul.

“A pressão foi pessoal, mas também junto aos jornais que publicam meu trabalho, certamente com o objetivo de ‘me manter na linha’ ou me dispensarem como colaborador”, escreveu o desenhista em postagem do Facebook<sup>11</sup>. Ainda de acordo com ele, o que suplantava as críticas eram as manifestações de apoio que também recebeu. “Inclusive de militares e médicos, que souberam compreender o que foi dito, sem se sentirem ‘atacados’ ou ‘ofendidos’”.

A polêmica em torno da história em quadrinhos evidencia que o texto multimodal em questão teve diferentes leituras a partir de uma mesma produção, a tira cômica em si, que, para o autor, não tinha a intenção de ser ofensiva, apenas crítica. No nosso entender, esse processo plural de compreensão torna o exemplo particularmente relevante para a discussão a ser feita sobre intencionalidade.

### **Intencionalidade em produção multimodal**

Para que tenhamos as categorias de análise bem definidas antes de nos aprofundarmos no exemplo, poderíamos resumir as abordagens sobre a intencionalidade no Brasil em três movimentos teórico-metodológicos:

1. identificação dos sentidos amplo (plano do texto) e restrito (coesão e coerência), conforme propuseram Beaugrande e Dressler (1981), e como esses conceitos foram trabalhados inicialmente no país, casos de Marcuschi (2012 [1983]), Fávero e Koch (2000a [1997]) e Koch (2000b [1997]; 2002b [1989]; 2004);

<sup>11</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2564085223617907&set=pb.100000493643001.-2207520000.1563378774.&type=3&theater>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

2. releitura da aplicação dos sentidos amplo e restrito, em que este continuaria ancorado na interação e no princípio da cooperação, mas aquele se vincularia à argumentatividade no processo de produção da coerência (lida agora como uma macrocategoria atrelada ao sentido dos enunciados), conforme postulado por Koch e Travaglia (2002a [1989], 2002b [1990]) e, especificamente sobre o aspecto argumentativo, por Koch (2002a [1984]);
3. questionamento do vínculo da intencionalidade apenas entre os usuários do texto, e não no texto como um todo, aspecto apontado por Koch (2004) e nos trabalhos dela em parceria com Travaglia (2002a [1989], 2002b [1990]), e as críticas de Marcuschi (2008) de que a aferição prática do conceito teria a subjetividade como elemento limitador; o linguista indica como possíveis caminhos de análise a observância do plano global do texto e das máximas conversacionais – retomando, portanto, dois aspectos expostos inicialmente por Beaugrande e Dressler.

Aspectos desses três momentos serão observados na tira cômica de *Armandinho*, ou seja, serão expostas abordagens possíveis para os sentidos amplo (plano do texto e argumentatividade) e restrito (coesão no processo de produção da coerência e princípio da cooperação, por meio das máximas conversacionais). A proposta central, cabe reprimir, é a de que a intencionalidade é válida também para textos multimodais.

Começemos pela associação do sentido amplo com o plano de texto. Este é definido por Koch e Travaglia (2002a [1989], p. 65), baseados em Beaugrande e Dressler (1981), como sendo “modelos globais de acontecimentos e estados que conduzem a uma meta pretendida. Além de terem todos os elementos numa ordem previsível, levam a um fim planejado”. Os dois linguistas brasileiros dão como exemplo um manual de instruções, utilizado para a montagem de determinado aparelho.

Com base nessa definição, o plano de texto presente na tira, e que corresponderia ao sentido amplo da intencionalidade, tenderia a ser a produção de uma narrativa, com desfecho inesperado, com finalidade de produção de um sentido humorístico – e também crítico, neste caso específico. Trata-se, portanto, de uma ordem previsível, como exposto na definição, aspecto acentuado pelo fato de a surpresa aparecer na última cena, algo recorrente nessa forma de enunciado multimodal.

Parte-se da premissa de que o autor, Alexandre Beck, teria conhecimento prévio dessas informações textuais e que dominaria essa maneira de compor a tira, posto que desenhava a série desde 2010. Embora o foco seja a intencionalidade, e não a aceitabilidade, cabe o registro de que haveria tendência de que o leitor também estivesse familiarizado com essa forma de história em quadrinhos ao tomar contato com ela, via jornal impresso, via redes sociais.

A composição da tira em si levaria ao sentido originalmente planejado, de cunho humorístico e crítico. Atenderia, portanto, ao plano textual comum às tiras cômicas (correspondendo ao sentido amplo). Por consequência, produziria também coerência (iniciando o aspecto relacionado ao sentido restrito). O caminho para isso passaria também pela coesão, com o diferencial de que, neste caso, ela não se daria apenas verbalmente, mas também visualmente. Observemos as duas modalidades isoladamente.

Em termos verbais, há diferentes objetos de discurso (ou referentes)<sup>12</sup> construídos ao longo dos três quadrinhos. No primeiro, nomeiam-se dois personagens, “Camilo” e “Fê”, e também a atividade planejada, a “corrida” a ser disputada; no segundo, formaliza-se verbalmente o terceiro personagem, “Dinho”, forma reduzida do nome do protagonista da série, Armandinho, e, em termos coesivos, ocorre retomada gramatical de “Camilo” por meio do uso do pronome pessoal “eu”, elíptico no trecho “Não posso correr agora!”; na terceira e última cena, vê-se nova retomada de “Camilo”, uma vez mais de maneira pronominal “Pra mim”.

Percebe-se que apenas o detalhamento verbal dos processos de introdução dos objetos de discurso e de retomada pronominal de um deles – caso de “Camilo” – não resolve a questão do ponto de vista coesivo, muito pelo fato de parte do conteúdo ser exposta na modalidade visual, aspecto com que o arcabouço teórico da época não trabalhava – o foco era apenas nos elementos verbais; nesse caso, por se tratar de uma conversa, a coesão ocorreria na troca de turno entre os personagens, a partir dos pares adjacentes (pergunta/resposta).

Ramos (2011) e Capistrano Júnior (2017) têm postulado que as bases da LT podem ser usadas para a análise de histórias em quadrinhos. Ambos aplicaram conceitos como os de referência e de coesão

<sup>12</sup> Na Linguística Textual, objeto de discurso é o conceito que se refere ao processo de categorização dos fatos e acontecimento abordados no corpo do texto e que é construído sociocognitivamente pelos sujeitos envolvidos na interação (cf. KOCH, 2004). A forma referente tem sido usada como sinônima.



especificamente a tiras cômicas, como a analisada aqui. Para os dois autores, os quadrinhos permitem a construção de objetos de discurso visuais, que podem ser retomados coesivamente nas cenas seguintes.

Tendo esse norte em mente, vejamos uma vez mais a tira. Observa-se, na abertura da história, a instauração de dois referentes visuais: Camilo, mostrado à esquerda e mencionado também verbalmente na fala do colega, e Armandinho, o protagonista da tira, construído pelo leitor por conhecimento prévio (por analogia a narrativas anteriores da série) e nomeado, na cena seguinte, como “Dinho”.

Ainda no primeiro quadrinho, há menção a outra personagem, a colega “Fê” (cujo nome completo, Fernanda, o leitor depreende por associação à forma reduzida ou por conhecimento prévio, baseado em histórias anteriores), apresentada visualmente apenas no encerramento da narrativa. Apesar de as três crianças serem construídas textualmente tanto visual quanto verbalmente, há um outro objeto de discurso, exposto no último quadro e apenas imagetivamente: trata-se da representação da pessoa uniformizada (um policial ou um militar) e alvo da nota de repúdio que a tira motivou.

Esta última abordagem dos sentidos amplo (plano do texto) e restrito (coesão e coerência), como já comentado, atenderia a duas formas de se trabalhar o conceito de intencionalidade. Outras duas estariam na observação do princípio da cooperação e da argumentatividade. Vejamos, agora, esta última. No tocante à argumentatividade, parte-se da premissa de que as palavras utilizadas na construção dos enunciados podem evidenciar o ponto de vista de seus autores sobre determinado tema. Não seriam neutras, portanto, e estariam articuladas à intenção argumentativa de quem fala ou escreve.

No exemplo, pode-se creditar à escolha da palavra “seguro” o elemento crucial para que a crítica sobre o preconceito racial seja concretizada. Sob o aspecto visual, a presença do termo ocorre justamente na cena final, em que é explicitada a figura da autoridade pública. Havia, portanto, uma orientação argumentativa no sentido de evidenciar que pessoas negras seriam mais sujeitas a serem paradas por autoridades brasileiras ligadas à segurança.

São os dados que o texto permite depreender, por meio de suas marcas verbais e visuais presentes. Seria essa a intencionalidade manifestada na produção e cuja leitura é por ela autorizada.

O autor queria criticar também os policiais? Na entrevista que concedeu após a polêmica envolvendo a tira, Alexandre Beck reforçou



que não procurou ser ofensivo, apenas quis retratar um comportamento que existe e que, segundo ele, não estaria sendo visto pelos policiais. Mas, dada a existência de uma nota de repúdio, fica sugerido que um grupo de leitores interpretou que sim (ao menos os associados à Brigada Militar do Rio Grande do Sul). Mesmo que não fosse a intenção, foi lido assim.

Esses dados extratextuais reforçam a interpretação de Koch e Travaglia de que a intencionalidade não estaria centrada apenas nos usuários, mas na interação deles mediada pelo texto. E também há o aspecto da subjetividade na identificação das reais intenções dos autores, ressalva feita por Marcuschi, posto que nem sempre o que se pretende corresponde à forma como o enunciado será interpretado pelo leitor ou ouvinte, já que estes também teriam objetivos próprios no contato com o texto.

Justamente para tornar a análise mais precisa – ou menos subjetiva – é que Marcuschi sugere retomar duas das discussões iniciadas por Beaugrande e Dressler – mesmo sem explicitar terem sido pensadas por eles –, a de que sejam observados o plano global do texto e as máximas conversacionais. Como o plano já foi trabalhado, voltemos o olhar para o modelo de Grice, ancorado no princípio da cooperação. De forma bastante resumida, poderíamos aplicar desta maneira as quatro máximas:

1. a tira atende ao formato tendencialmente curto e não redonda informações verbais e visuais, tanto que a autoridade de segurança nem é nomeada verbalmente (quantidade);
2. é feita crítica sobre uma atitude preconceituosa por parte de autoridades de segurança no trato com pessoas negras (qualidade);
3. a presença de uma criança negra e de uma pessoa relacionada à segurança dialogam com o que se pretendeu representar (relação);
4. embora não explicita verbalmente a profissão do adulto na cena final, depreende-se quem seja, tornando a proposta clara e coesa (modo).

Talvez o ponto frágil das máximas, se observadas do ângulo do princípio da cooperação, seja a forma como o texto multimodal foi lido

pela Brigada Militar do Rio Grande do Sul, interpretação que motivou e pautou a nota de repúdio. Ou seja, estaria ancorada na implicatura (processo inferencial) relacionada à máxima da qualidade.

Pela história apresentada na tira (e, depreende-se, pelo autor também), a atitude diferencial em relação à abordagem de pessoas negras seria um fato e, portanto, comprovável (seria uma narrativa ancorada em elementos sociais reais, alvos da crítica); pelas autoridades públicas representadas pela nota, haveria um questionamento à sua atuação e passível de possível questionamento (embora a nota não negue o fato em si).

### Considerações finais

Nos dias finais de 2018, em sua conta do Facebook, Alexandre Beck escreveu postagem com uma notícia boa e uma ruim. A boa é que a tira cômica sobre o racismo estrutural (expressão usada por ele) havia sido incluída em livros didáticos. A ruim: a série *Armandinho* deixaria de ser publicada em quatro jornais de Santa Catarina, inclusive o *Diário Catarinense*, onde circulava desde 2010. Após um ano envolvido em polêmicas, inclusive com notas de repúdio e ataques de leitores contrários em suas redes sociais, a tira cômica perdia espaço em diários impressos.

Não se pode precisar o quanto da polêmica pesou na decisão editorial dos jornais catarinenses. O que se pode dizer, com base em marcas textuais, é que a história demonstrou intenção (argumentativa) de criticar a forma como, na visão do autor, autoridades de segurança pública tratavam de forma diferencial os negros brasileiros.

Também se pode afirmar, como consequência teórica, que o conceito de intencionalidade permanece válido ao escopo teórico da LT e que pode ser aplicado não apenas a produções verbais, como vinha ocorrendo até então, mas também a enunciados multimodais, como pudemos demonstrar.

Procurou-se recuperar a trajetória histórica do conceito e demonstrar como ele foi sendo apropriado no país, com base em parte das premissas de Beaugrande e Dressler, e repensado teoricamente. Em ambos os cenários, os trabalhos de Koch e Marcuschi protagonizaram a discussão. Do que fora exposto pelos dois autores (e por seus parceiros de escrita), podem-se tirar duas conclusões centrais. A primeira é que a intencionalidade deve articular texto e sujeitos (como defendido por

Koch e Travaglia). A segunda está no fato de se criarem bases mais sólidas para se aferir a intencionalidade manifestada em um texto (aspecto postulado por Marcuschi).

É de se concordar com tais ponderações. A discussão a ser feita, no nosso entender, seriam os caminhos a serem seguidos para atender a esses dois apontamentos. Na análise feita, pudemos observar abordagens diferentes tanto para o sentido amplo (plano de texto e argumentatividade) quanto para o restrito (coesão, coerência e princípio da cooperação), aspectos que podem ser vistos como complementares.

O aspecto da observação da orientação argumentativa parece particularmente adequado para dar bases mais sólidas das pistas verbais – e, agora, visuais também – das intenções manifestadas no texto. Nesse sentido, um diálogo com o escopo teórico da Retórica pode render boas contribuições. Outro caminho seria esmiuçar melhor o plano do texto. Não seria ele voltado ao gênero a que o texto estaria vinculado e que é apropriado pelo autor? Uma questão a ser pensada para ser respondida em futuros trabalhos.

## Referências

BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society**. New Jersey: Ablex Publishing, 1997.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introduction to Text Linguistics**. New York: Longman, 1981.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introducción a la Lingüística del Texto**. Barcelona: Ariel, 2005.

BECK, A. Armandinho. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/2226549250723702/?type=3&theater>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

BECK, A. **Armandinho zero**. Florianópolis: Arte & Letras Comunicação, 2013.

BECK, A. **Armandinho um**. Florianópolis: Arte & Letras Comunicação, 2014a.

BECK, A. **Armandinho dois**. Florianópolis: Arte & Letras Comunicação, 2014b.

BECK, A. **Armandinho dois**. Florianópolis: Arte & Letras Comunicação, 2014c.

BECK, A. **Armandinho sete**. Florianópolis: Arte & Letras Comunicação, 2015.

BECK, A. **Armandinho quatorze**. Florianópolis: Belas Letras, 2019.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 245-287.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. **Referenciação e humor em tiras cômicas do Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva**. Campinas, SP: Pontes, 2017.

CARMELINO, A. C.; RAMOS, P. Revisitando o conceito de intencionalidade. **(Con)textos Linguísticos**, 2019, v. 13, n. 25, p. 60-78. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/26353>>. Acesso em: 10 out. 2022.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CRUZ, M. T. “Me senti intimidado”, diz Alexandre Beck, autor da tirinha que incomodou a PM. **Ponte**. 19 nov. 2019.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2011.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística Textual**: introdução. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998 [1983].

GRICE, P. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Pragmática**: problemas críticos – Perspectivas Linguísticas. Campinas: ed. do autor, 1982 [1975]. p. 81-103.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2000a [1993].

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000b [1997].

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002a [1984].

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 17. ed. rev. ampl. São Paulo: Contexto, 2002b [1989].

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002a [1989].

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 14. ed. rev. ampl. São Paulo: Contexto, 2002b [1990].

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de Texto**: o que é, como se faz. São Paulo: Parábola Editorial, 2012 [1983].

RAMOS, P. **Faces do humor**: uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

RAMOS, P. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.